

Índice

A Filha do Capitão

I. Sargento da Guarda	9
II. O Guia	19
III. A Fortaleza	29
IV. O Duelo	37
V. Amor	47
VI. A Revolta de Pugatchóv	55
VII. O Assalto	65
VIII. O Hóspede não Convidado	73
IX. A Separação	81
X. O Cerco da Cidade	87
XI. O Campo dos Rebeldes	95
XII. A Órfã	107
XIII. A Prisão	115
XIV. O Julgamento	123
Notas	135

I

SARGENTO DA GUARDA

*Ele teria sido amanhã capitão de Guarda.
Não me ralo com isso; basta-me ser simples soldado.
Bem dito! Que passe tribulações...
.....
Mas então quem é o teu pai?*

KNYAZHNÍN

Meu pai, Andréi Petróvitch Grinyóv, serviu na juventude sob o comando do conde Münnich e reformou-se em 17... no posto de primeiro-major¹. Desde então, viveu na sua propriedade na província de Simbírsk, onde casou com Avdótya Vasílyevna Yu., filha de um proprietário pobre da região. Tiveram dez filhos. Todos os meus irmãos e irmãs morreram na infância.

Ainda a minha mãe me levava no ventre quando, por amabilidade do major da Guarda, príncipe B., nosso parente chegado, fui alistado no regimento Semyónovsky com o posto de sargento². Se, ao contrário do que todos esperavam, a minha mãe tivesse dado à luz uma filha, o meu pai comunicaria a quem de direito a morte de um sargento que nunca se apresentara ao serviço, e as coisas ficariam por aí. Eu considerava-me de licença até acabar os estudos. Nessa época, a nossa educação era muito diferente da actual.

A partir dos cinco anos fui entregue aos cuidados do camareiro Savélyitch, promovido a aio pela sua sobriedade. Sob a sua supervisão, aos doze anos sabia ler e escrever e era perito em apreciar as qualidades de um cão borzói. Nessa altura, o meu pai contratou um francês, monsieur Beaupré, que foi mandado vir de Moscovo juntamente com a provisão anual de vinho e azeite. A sua chegada desagradou muito a Savélyitch. “Graças a Deus”, resmungou ele para si, “a criança anda lavada, penteada e alimentada. Que necessidade havia de gastar mais dinheiro e empregar um monsiú? Como se já não houvesse bastante gente na propriedade!”

Na sua terra, Beaupré fora cabeleireiro, depois soldado na Prússia, e a seguir veio para a Rússia *pour être outchitel*³, sem compreender muito bem o significado desta palavra. Era bom tipo, mas extremamente descuidado e inconstante. A sua principal fraqueza era a sua paixão pelo belo sexo e muitas vezes a sua ternura era compensada com socos que o faziam gemer um dia inteiro. Por outro lado, para usar uma expressão sua, *não era inimigo da garrafa*, ou seja (falando bom russo), gostava do seu copito. Mas como em nossa casa apenas se servia vinho ao almoço, e mesmo assim só um copo por pessoa, e, além disso, passavam habitualmente por cima do professor, o meu Beaupré acostumou-se rapidamente ao licor russo e até começou a preferi-lo aos vinhos do seu país, por ser infinitamente melhor para a digestão. Entendemo-nos logo bem, e, embora, segundo o contrato, tivesse de me ensinar *francês, alemão e todas as ciências*, ele preferia aprender russo comigo — e depois cada um de nós se ocupava com as suas coisas. Dávamo-nos extraordinariamente bem e eu não desejava outro mentor. Mas em breve o destino nos separou. Aconteceu da seguinte maneira.

A lavadeira Paláchka, uma rapariga forte e marcada das bexigas, e a leiteira Akúlka, que era zarolha, combinaram atirarem-se juntas aos pés da minha mãe, confessando a sua fraqueza culpada e queixando-se em lágrimas do monsiú, que abusara da sua inexperiência. A minha mãe não gostava de brincadeiras com aquelas coisas e queixou-se ao meu pai. Este costumava ser muito rápido nos seus castigos e mandou logo chamar o canalha do francês.

Disseram-lhe que o monsiú estava a dar-me lição. O meu pai veio ao meu quarto. Nesse momento, Beaupré estava em cima da cama a dormir o sono da inocência e eu entretinha-me com as minhas ocupações. Devo contar que me tinham mandado vir de Moscovo um mapa. Estava pendurado na parede sem qualquer utilidade, e há muito que eu me sentia tentado pela espessura e boa qualidade do papel. Decidi fazer com ele um papagaio e, aproveitando-me da sesta de Beaupré, atirei-me ao trabalho. O meu pai entrou no momento exacto em que eu estava a colar um rabo ao cabo da Boa Esperança. Ao ver os meus exercícios de geografia, o meu pai puxou-me as orelhas, depois correu para o Beaupré, acordou-o com muita rudeza e começou a dar-lhe uma descompostura. Beaupré, muito confuso, queria levantar-se, mas não podia: o infeliz do francês estava perdido de bêbado. Pagou-a por todas⁴. O meu pai ergueu-o da cama pelo colarinho, correu-o do quarto e despachou-o nesse mesmo dia, para indescritível satisfação de Savélyitch. E assim se pôs termo à minha educação.

Cresci sem estudos⁵, caçando pombos e jogando ao eixo com os rapazes da propriedade. Entretanto, cheguei aos dezasseis anos. E então o meu destino modificou-se.

Num dia de Outono, a minha mãe estava na sala a fazer doce de mel e eu, lambendo os lábios, olhava para a espuma a ferver. O meu pai, junto da janela, lia o *Almanaque da Corte*⁶, que recebia todos os anos. Esse livro tinha sempre uma grande influência sobre ele: nunca o lia sem se entusiasmar, e a sua leitura agitava-lhe sempre a bílis de uma maneira extraordinária. A minha mãe, que conhecia bem todos os seus hábitos, procurava sempre esconder aquele infeliz livro o mais longe possível dele, e, desta maneira, não punha os olhos no *Almanaque da Corte* às vezes durante meses seguidos. Mas, quando por acaso o encontrava, já não o largava das mãos durante horas. E, assim, o meu pai lia o *Almanaque da Corte* encolhendo os ombros de vez em quando e repetindo a meia-voz: “Tenente-general!... Era sargento no meu regimento!... Cavaleiro das duas ordens russas⁷!... Parece que foi ainda ontem que nós... “Por fim, atirou o *Almanaque* para cima do sofá e caiu numa meditação profunda que não fazia prever nada de bom.

De repente, virou-se para a minha mãe:

“Avdótya Vasílyevna, quantos anos tem o Petrúcha?”

“Pois já vai nos dezassete”, respondeu a minha mãe. “Petrúcha nasceu no mesmo ano em que a tia Nastásia Gerásimovna perdeu o olho e quando...”

“Muito bem”, interrompeu o meu pai, “é altura de ele ir para a tropa. Chega de andar a correr atrás das raparigas e a caçar pombos.”

A perspectiva de se separar de mim afligi de tal maneira a minha mãe, que deixou cair a colher na panela, e correram-lhe lágrimas pelas faces. Por outro lado, é difícil descrever a minha satisfação. A ideia do serviço militar estava associada em mim às ideias de liberdade, dos prazeres da vida em Petersburgo. Imaginei-me como oficial da Guarda, que, na minha imaginação, era a maior bênção humana.

O meu pai não gostava de mudar os seus planos, nem de os adiar, e o dia da minha partida foi logo marcado. Na véspera, explicou-me que tencionava enviar por mim uma carta ao meu futuro comandante, e pediu pena e papel.

“Não te esqueças, Andréi Petróvitch”, disse a minha mãe, “de apresentar os meus respetos ao príncipe B., e de lhe dizer que espero que tome o meu Petrúcha sob a sua protecção.”

“Que absurdo!”, respondeu o meu pai franzindo a testa. “Por que razão eu havia de escrever ao príncipe B.?”

“Mas tu disseste que ias escrever ao comandante de Petrúcha.”

“E depois?”

“Mas o comandante de Petrúcha é o príncipe B., Petrúcha está alistado no regimento Semyónovsky.”

“Alistado? Ralo-me bem que ele esteja alistado! Petrúcha não vai para Petersburgo. Que aprende ele em Petersburgo? A ser um gastador e um estroina? Não, que vá para o exército, passá-las⁸, sentir o cheiro da pólvora e ser um soldado e não um presumido na Guarda. Alistado na Guarda! Onde está o passaporte dele? Dá-mo cá.”

A minha mãe foi buscar o meu passaporte, que guardava num baú junto com a minha camisa de baptismo, e entregou-o ao meu

pai com as mãos trémulas. Este leu-o com atenção, pô-lo à sua frente sobre a mesa e começou a sua carta.

Eu estava cheio de curiosidade: para onde me iriam enviar, se não era para Petersburgo? Não afastei os olhos da pena do meu pai, que se movia com grande lentidão. Por fim acabou, selou a carta no mesmo sobrescrito com o passaporte, tirou os óculos e, tendo-me chamado, disse: “Aqui está uma carta para Andréi Kárlovitch R., meu velho camarada e amigo. Vais para Orenburg servir sob o seu comando.”

E assim todas as minhas brilhantes esperanças ruíram! Em vez da vida alegre de Petersburgo, esperava-me o tédio num recanto selvático e remoto. A vida militar, em que pensava até há minutos com tanta satisfação, parecia-me uma grande infelicidade. Mas era inútil discutir! No dia seguinte, muito cedo, uma *kibítka*⁹ aproximou-se da nossa porta; colocaram nela o meu saco, uma mala com os utensílios para o chá, embrulhos de bolos e empadões, os últimos penhores do afecto familiar. Os meus pais deram-me a sua bênção. O meu pai disse-me: “Adeus, Piótr. Sê fiel ao teu juramento, obedece aos teus superiores, não os adules, não te excedas nos teus deveres, não recues perante as tuas obrigações e lembra-te do provérbio: Cuida da roupa enquanto está nova e da honra enquanto és jovem.¹⁰” A minha mãe recomendou-me que cuidasse da saúde, e a Savélyitch que olhasse pelo menino. Fizeram-me vestir um casaco de pele de *lebre e, por cima*, um sobretudo de pele de raposa. Sentei-me na *kibítka* com Savélyitch e segui viagem, chorando profundamente.

Nessa mesma noite cheguei a Simbírsk, onde devia passar vinte e quatro horas a fim de comprar algumas coisas necessárias, do que encarreguei Savélyitch. Eu fiquei na estalagem. Savélyitch foi às compras logo de manhã. Aborrecido de estar a olhar da janela para a rua lamacenta, comecei a andar pelas salas. Tendo entrado nos bilhares, vi um *bárin* alto, dos seus trinta e cinco anos, com um bigode preto e comprido, de roupão, um taco na mão e um cachimbo nos dentes. Jogava com o marcador, que bebia um copo de *vodka* sempre que ganhava e tinha de passar de gatas por baixo da mesa de bilhar quando perdia. Fiquei a